

Inglês como língua multinacional: uma investigação das percepções dos professores

Luciana Ferrari (UFES)

The notion of World Englishes and the idea that the English language has become a global/multinational language, i. e., not belonging to native speakers anymore, has been widely discussed among researchers (Leffa, 2002; Kumaravadivelu, 2005). In my opinion, “English as a multinational language” demands a broader view on the part of teachers as for their practice. Such issues have led the researcher of this study to question whether or not there is a dominant variety of English being taught, what ideology is behind this choice, and what influences the concept of global English brings to the teacher’s practice. In an attempt to answer these questions, teachers from two English Language Institutions in Vitória-ES were asked to answer a questionnaire according to their own experience.

Keywords: global English English teaching variety of English

Introdução

“Chega de americanês. Fale inglês”. Quando me deparei com esta propaganda de uma escola de idiomas, me assustei. Como professora universitária, comecei a refletir sobre o que exatamente aquela propaganda queria dizer, sobre que ideologia estava por trás destas palavras. Por ideologia, entendo-a como sendo “um conjunto de máximas e preconceitos que constituem, ao mesmo tempo, uma visão de mundo e um sistema de valores” (Culler apud Oliveira, 2005, p. 42). Entendo que a língua não seja um instrumento neutro e que, ao aprendê-la ou ensiná-la, estamos transmitindo ou recebendo uma mensagem por trás das palavras. A partir daí alguns questionamentos vieram à tona. Isso significa que o inglês britânico é superior ao inglês norte-americano? Que os alunos (pelo menos aqueles que estudam ou estudarão nesta escola) são motivados ou induzidos a falar o inglês britânico, o “puro”? Isso está

acontecendo no mundo atual globalizado? Onde está o lugar das outras variantes do inglês? Será que a sociedade procura uma única variante do inglês a ser aprendida?

Fiquei ainda assustada por pensar que, no mundo globalizado de hoje, exista ainda o incentivo para o único, o padrão, o “correto”. Ao mesmo tempo em que as barreiras entre povos estão desaparecendo, o que permite o contato com o diferente, a cultura local, receosa de perder sua identidade, se fortalece (Kumaravadivelu, 2005). Por sua vez, a língua inglesa se tornou global/multinacional, não pertencendo exclusivamente a nativos (Leffa, 2002). Portanto, tais fatos mostram o quanto é descabido o incentivo, no caso da propaganda, ao aprendizado do inglês britânico, desmerecendo o inglês americano e outras variantes.

Não que eu seja defensora do inglês americano. Longe disso. Mas sim defensora de um aprendizado amplo, sem preferência lingüística, de pronúncia, sem o desejo de se falar como um norte-americano ou britânico, mas sim de manter sua própria identidade, de, por que não, falar como um brasileiro? Concordo com Leffa (2001) quando diz que:

“Não há razão para supor que os brasileiros devam falar inglês como falantes nativos que, a propósito, são minoria entre os falantes da língua. Uma das condições para que o inglês seja uma língua multinacional é aceitar a diversidade da própria língua. No momento em que o inglês passa a ser falado no Brasil, há de ter uma variedade brasileira – como o português falado no Rio Grande do Sul tem uma variedade gaúcha”(pp. 350).

Parte do meu susto ainda se encontra no fato desta propaganda ter vindo de uma instituição de ensino, cujos deveres, mediados por seus professores, ao meu ver, são de preparar seus alunos para serem cidadãos de um mundo globalizado, de abrir suas mentes para questões atuais, de ensiná-los a lidar com as diferenças, tolerando-as ou enriquecendo-se com elas. De acordo com Moita Lopes (2002),

“Cabe, principalmente, àqueles como nós (professores), cuja tarefa central é ensinar as pessoas a agir no mundo social através do discurso, o desenvolvimento, na sala de aula, da consciência crítica dos processos de construção social dos significados que nos constroem e que constroem os outros e o mundo à nossa volta” (p. 218).

O fato dos alunos terem postura crítica na aula de língua inglesa é crucial, já que a língua estrangeira proporciona ao indivíduo a oportunidade de se relacionar com outras experiências humanas, com diversas culturas diferentes da sua.

Estou aqui delegando o papel da escola a centros de idiomas também. Tais instituições exercem o ato de ensinar e vejo este ato como sendo político, não como neutro. Daí a responsabilidade de qualquer instituição de ensino. Há cursos livres, hoje, já preocupados em oferecer a seus professores cursos de capacitação e de formação reflexiva, motivando-os a terem uma postura crítica em relação ao ensino de línguas (Fortes, 2004). Entendo esta ação como muito positiva e, se há uma grande quantidade de alunos freqüentando estes cursos, sua responsabilidade enquanto instituição de ensino ainda aumenta.

Atualmente, o aluno, ao aprender a língua inglesa como multinacional, não deve mais ser exposto a uma única variante da mesma. O inglês, por ter se tornado uma língua global, não representa mais uma única cultura (Leffa, 2002). Desta forma, o professor não deve mais se limitar a aspectos culturais de um único país onde a língua inglesa é falada.

Percebe-se, então, que o professor junto com a instituição de ensino de línguas exerce papel fundamental na preparação do aluno para o mundo atual. Acredito que o fato de haver (se realmente há) escolha por parte do professor ou da instituição de uma variante específica do inglês, seja ela dominante ou não, este papel fica comprometido. Ao fazer isso o professor/ instituição priva seus alunos de ter contato com o “outro”, com o diferente.

Tais questionamentos me levaram a realizar este trabalho com o objetivo de responder / entender as seguintes perguntas:

1. Será que existe uma variante do inglês dominante sendo ensinada? Se sim, qual?
2. Qual é a ideologia por trás da escolha pelo professor ou instituição de uma variante específica?
3. Os professores estão familiarizados com o fenômeno da língua inglesa como língua global/multinacional?

4. Se sim, sua prática como professor muda? Quais seriam estas mudanças?

Este estudo foi realizado com 16 professores de duas escolas de idiomas na cidade de Vitória-ES. O questionário (anexo 1) foi respondido pelos participantes com o objetivo de levar o pesquisador a conclusões a respeito dos questionamentos mencionados acima. Os dados foram analisados e separados em categorias.

Resultados

Após análise das respostas dos professores, seguem os dados que considero mais relevantes para tentar responder as perguntas da pesquisa. Não poderia, aqui, por limitação de espaço, relatar todas as respostas. Os dados estão separados nas categorias abaixo:

Perfil do professor

- 10 professores têm entre 18-24 anos, 4 entre 25-32 anos e 2 com mais de 32 anos.
- 3 professores lecionam inglês a menos de um ano; 7 entre 1- 3 anos; 3 entre 4-7 anos e 3 há mais de 7 anos.
- 9 passaram por cursos de idiomas em sua trajetória de aprendizado da língua inglesa.

Formação acadêmica e experiência no exterior

- 3 já são formados em Letras Inglês; 1 em Psicologia, 1 em Fisioterapia, 1 em Informação de Sistemas e 10 ainda cursam Letras Inglês.
- 8 já tiveram experiência fora do país, sendo 2 na Inglaterra, para estudar, 5 nos Estados Unidos, por motivo de trabalho e família e 1 para a Nova Zelândia, para fazer intercâmbio e conseqüentemente aprender o idioma e vivenciar a cultura do país. Dos 8 professores que não tiveram experiência em países onde a língua inglesa é falada, 2 gostariam de ir aos Estados Unidos para “aperfeiçoar meu inglês” e “viver a cultura americana e entender suas peculiaridades”. Cinco professores optariam pela Inglaterra ou por causa do sotaque do inglês britânico, ou por paixão pela cultura inglesa. Um

participante ainda relata que gostaria de conhecer tal país para relembrar coisas que aprendeu na disciplina Estudos Britânicos. Apenas um professor iria para a Austrália “pelas atrações oferecidas e sotaque”.

Variante do inglês que o professor acredita falar e ensinar

- 9 professores acreditam falar uma variante específica do inglês, 7 inglês americano, 1 inglês britânico. Atribuem este fato à influência dos seus próprios cursos e a viagens anteriores. Um dos professores menciona que “não foi opção, fui ‘treinado’ nessa variante (o americano) desde cedo. Ainda 1 professor acredita falar inglês brasileiro/internacional.
- Dos 16 professores, 10 acreditam estarem ensinando uma variante específica do inglês. Nove acreditam estar ensinando o inglês americano. Um professor diz que mesmo gostando de “apontar as diferenças em sala, como meu sotaque é predominantemente americano, acabo passando pros alunos (tal sotaque)”. Ele ainda menciona que a instituição sugere que o inglês americano seja ensinado já que “está explícito nos manuais de professores” e também “o sotaque ouvido no material, aspectos culturais”. Outro diz que a instituição opta pelo inglês americano “para manter um padrão”. Outros mencionam que o intercâmbio os influenciaram. Apenas um professor acredita ensinar o inglês britânico. Este fato é justificado por ele/ela “porque muitos pedem para ter contato com outra variante do inglês já que a maioria estuda o inglês americano”.

Influência do material didático

- 8 professores mencionam que o material didático adotado pela instituição sugere uma variante específica do inglês, o inglês americano. Um deles diz que isso acontece para que um “padrão seja mantido”. Os nove restantes não acreditam que o material exerça influência sobre o inglês utilizado.

Inglês como língua multinacional

- Apenas 2 nunca ouviram falar no “inglês como língua multinacional”, mas não concordam com o ensinar apenas uma variante do inglês “porque o aluno precisa pelo menos saber que elas (outras variantes) existem. Os outros 14 professores entendem “inglês como língua multinacional” como: “que a língua é utilizada para comunicação em todo mundo”; “o inglês é uma língua padrão atualmente, em qualquer parte do mundo encontramos falantes da língua inglesa assim como manuais de instrução, propagandas, etc...; “uma língua falada internacionalmente; língua universal; língua sem fronteiras geográficas; existem várias modalidades e é falada em vários países; inglês mais simples para facilitar a comunicação entre estrangeiros; a língua não possui uma identidade padrão, mas sofre constante modificação de acordo c/ as necessidades mundiais”.

Percepções acerca do ensino de uma única variante

- 3 professores são a favor do ensino de apenas uma variante do inglês “porque o aluno terá uma base ‘facilitadora’ p/ comparar as outras variantes”, porque “a maioria dos alunos se interessa pelo inglês americano, e é isso que esperam”. Os 13 restantes não compartilham o mesmo pensamento, dizendo que “é preciso conhecer outras variantes”; “porque outras variantes ampliam a possibilidade de comunicação”; “porque nunca se sabe qual variante que cada aluno vai estar em contato”; “porque o aluno será limitado, é necessário mostrar as peculiaridades de cada variante para eles terem uma performance melhor”; “porque as pessoas tem que saber distinguir as diferenças para melhor entender a língua. Mas isso não deve ser ensinado aos iniciantes. Acredito que os iniciantes tem outras prioridades”; “para que eles possam criar uma identidade própria como falantes da língua”; “o aluno deve ter a noção de que o inglês não é mais uma língua dominada apenas por seus países de origem”.

Mudanças em relação à prática do professor

- 9 professores não mudariam em nada a sua prática se lhes fosse pedido para ensinar várias variantes do inglês. Dos outros 7, cinco mudariam o livro didático adotado, três mudariam o assunto dos textos discutidos em sala, todos mudariam o vocabulário ensinado, cinco o tipo de música usado em sala, cinco mudariam o material extra elaborado e seis escolheriam outros vídeos para trabalhar em sala.

Conclusão

A partir dos dados, pude concluir que há predominância do ensino do inglês norte-americano entre os professores que acreditam ensinar uma variante específica do inglês nos contextos de ensino analisados. Dentre os professores que dizem não ensinar uma variante específica, é importante dizer que alguns tiveram experiência de um a sete anos na Nova Zelândia, Estados Unidos e Inglaterra. Acredito que suas trajetórias de aprendizado da língua inglesa exerçam forte influência no seu ensino. Conclui-se também que o material adotado pela instituição ou pelo professor não o impede de mostrar aos alunos que há outras variantes do inglês, já que somente 50% dos professores mencionaram o material didático como um incentivo à utilização e padronização de uma variante apenas.

As respostas dos professores não demonstraram uma visão ideológica crítica em relação à predominância do inglês americano. Acredito que eles a vêem como um processo natural, já que “é a variante que eles (os alunos e os professores) têm maior contato”. Este fato pode ser um indício de que o professor de inglês pode ser sim colonizado, ou seja, não reflete criticamente sobre a cultura e a língua que está ensinando (Cox et. al. 2001).

Um ponto positivo desta pesquisa é que 87% dos professores estão familiarizados com o fato do inglês ser uma língua multinacional e acham importante que o aluno tenha contato com outras variantes do inglês. Isso demonstra que o papel do professor de permitir que o aluno tenha contato com o

diferente, de certa forma, é exercido aqui. Porém, observei que, para os participantes, o contato com o outro se restringe ao campo lingüístico e não alcança uma dimensão cultural mais ampla.

Em relação à prática do professor, 56% dos pesquisados disseram que não mudariam sua prática em nada se tivessem que ensinar várias variantes do inglês. Atribuo isso a dois fatores. Primeiro, a uma falta de reflexão crítica voltada a sua prática. Não vejo como não haver mudanças no ato de ensinar se o objeto de estudo muda. Segundo, ao fato de que a mudança nem sempre é vista como algo positivo. Segundo Bohn (2001, p.119), “a inovação incomoda, desestabiliza, rege-se por gramáticas não aprovadas pelas instituições, e move-se na instabilidade”. Ele ainda diz que o professor inovador é aquele que rompe com metodologias tradicionais, que desestabiliza dogmas, que transgride o currículo e que cultua a diferença. Neste sentido, mudar não é fácil, mas é também papel do professor inovar de acordo com o mundo em que vivemos, e se o mundo atual é globalizado, o ensino não pode ficar para trás.

Em última análise, ressalto a importância de haver outros trabalhos referentes a este tema para que possamos ter uma visão mais ampla da prática do professor de língua inglesa. Enfatizo ainda que este é um educador e, como tal, exerce um ato político e ideológico. Palavras não são neutras, mas sim repletas de significado.

Referências

- BOHN, Hilário I. “Maneiras inovadoras de ensinar e aprender: A necessidade de des(re)construção de conceitos” IN *O Professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001.
- COX, M. & ASSIS-PETERSON, A. *O professor de inglês entre a alienação e a emancipação*. Linguagem & Ensino, vol.4, n.1, p. 11-36, 2001.
- FORTES, L. *A Formação de professores em cursos livres de inglês: Como um falante se torna professor*. Dissertação de Mestrado. FALE, UFMG, Belo Horizonte, 2004.
- KUMARAVADIVELU, B. “Deconstructing applied linguistics: a postcolonial perspective” IN *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. Pontes, 2005.
- LEFFA, V. J. “Teaching English as a multinational language” *The Linguistic Association Of Korea Journal*, Seoul, Coréia, v. 10, n.1, p. 29-35, 2002.
- _____ “Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras” IN *O Professor de Línguas Estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas: Educat, 2001.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Identidades Fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro. “Ideologia e ensino de línguas estrangeiras modernas no Brasil” IN *Ensino de Língua Inglesa: Reflexões e Experiências*. Pontes, 2005.

Anexo 1 – Questionário

Responda as perguntas abaixo. Obrigada por fazer parte desta pesquisa.

1. Qual é a sua idade?
 menos de 18 18-24 25-32 mais de 32
2. Há quanto tempo você leciona inglês?
 menos de 1 ano 1-3 anos 4-7 anos mais de 7 anos
3. Onde você estudou inglês antes de começar a lecionar (você pode marcar mais de uma opção)?
 escolas regulares cursos de idiomas
4. Qual é a sua formação?
 formado em Letras Inglês formado no curso _____
 ainda não formado, mas estou cursando o curso _____
5. Quanto tempo você estudou inglês antes de começar a lecionar a língua?
 menos 1 ano 1-3 anos 4-7 anos mais de 7 anos
6. Você já passou algum tempo em algum país onde a língua inglesa é falada? sim não
 Se sim, onde? _____ Quanto tempo? _____
 Se não, onde gostaria de ir? _____ Por que escolheria tal país? _____

7. Se você passou algum tempo em algum país onde a língua inglesa é falada, por que optou pelo país de escolha? _____
8. Quando você estudou inglês o seu professor usava uma única variedade do inglês (americano, britânico, australiano...) ao ensinar? sim não
 Se sim, qual? _____
 O que te leva a pensar isso? (Marque quantas opções forem necessárias)
 sotaque do professor livro didático utilizado em sala
 textos utilizados em sala músicas aprendidas em sala
 temas debatidos em sala de aula atividades desenvolvidas em sala
 outros _____
9. Você acredita ser um falante de alguma variedade específica da língua inglesa? sim não
 Se sim, de qual variedade? _____
 Por que optou por esta variedade? _____

10. Você acredita estar ensinando alguma variedade específica da língua inglesa aos seus alunos?
 sim não
 Se sim, qual? _____
 Por que optou por essa variedade? _____
11. O curso / escola para qual você leciona sugere alguma variedade de inglês específica a ser ensinada? ()
 sim não
 Se sim, qual? _____ Por que? _____
12. O material didático adotado por você ou pela instituição onde você leciona sugere uma variedade específica da língua inglesa? () sim não
 Se sim, qual? _____
 O que te leva a pensar isso? (Marque quantas opções forem necessárias)
 vocabulário utilizado pronúncia mostrada nos exercícios de compreensão auditiva
 assunto dos textos e diálogos outros _____
 Se não, o que te leva a pensar isso? (Marque quantas opções forem necessárias)
 vocabulário utilizado pronúncia mostrada nos exercícios de compreensão auditiva
 assunto dos textos e diálogos outros _____
13. Cite países onde a língua inglesa é falada. _____

14. Você já ouviu falar no termo “Inglês como língua multinacional”? () sim não
15. O que você entende pelo termo “Inglês como língua multinacional”? _____
16. Você acha importante ensinar apenas uma variedade do inglês? () sim não
 Se sim, por que? _____
 Se não, por que não? _____
17. Se fosse pedido pra você ensinar inglês internacional e não uma variedade específica, sua prática como professor mudaria? () sim não
 Se sim, o que mudaria?
 livro didático adotado tipo de música usado em sala
 assunto dos textos discutidos em sala material elaborado
 vocabulário ensinado em sala escolha de vídeos
 outros _____

